



Estudos Geográficos

Revista Eletrônica de Geografia

Economia política do futebol e a construção de uma psicosfera de reafirmação do neoliberalismo no Brasil

Rodrigo Accioli Almeida¹  

Resumo: O futebol profissional configura-se como um fenômeno econômico e ideológico no contexto da globalização, articulando-se a partir do meio técnico-científico-informacional. Este estudo investiga a formação da economia política do futebol e sua relação com a reafirmação da ideologia neoliberal, explorando a tecnosfera e a psicosfera do esporte. Utilizando o materialismo histórico-dialético como método, a pesquisa analisa o espaço geográfico como um sistema de objetos e ações, conforme proposto por Milton Santos. O desenvolvimento de um mercado globalizado do futebol foi impulsionado pela modernização das infraestruturas de transmissão e pelo crescimento da financeirização dos clubes, especialmente na Europa. A análise revela que a tecnosfera do futebol, composta por transmissões, clubes e grandes corporações, produz uma psicosfera que reforça a hegemonia europeia e naturaliza práticas neoliberais. Elementos como a desregulamentação trabalhista, a financeirização dos clubes e o consumo esportivo estruturam essa lógica, impactando a organização do futebol brasileiro. Conclui-se que enquanto mercadoria, o futebol não apenas reflete, mas também contribui para a disseminação de preceitos neoliberais, influenciando as subjetividades e reproduzindo desigualdades na economia global do esporte.

Palavras-chave: futebol; economia política; neoliberalismo; globalização; psicosfera.

¹ Docente da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro). Bacharel, licenciado, mestre e doutor em Geografia pelo PPGH-USP. Email: rodrigoalmeida@unicentro.br



Este artigo está licenciado com uma licença Creative Commons

POLITICAL ECONOMY OF FOOTBALL AND THE CONSTRUCTION OF A PSYCHOSPHERE FOR THE REAFFIRMATION OF NEOLIBERALISM IN BRAZIL

Abstract: Professional football constitutes itself as an economic and ideological phenomenon within the context of globalization, articulated through the technical-scientific-informational milieu. This study investigates the formation of the political economy of football and its relationship with the reaffirmation of neoliberal ideology, exploring the technosphere and the psychosphere of the sport. Utilizing historical-dialectical materialism as its method, the research analyses geographical space as a system of objects and actions, as proposed by Milton Santos. The development of a globalized football market was driven by the modernization of broadcasting infrastructure and the growth of the financialization of clubs, especially in Europe. The analysis reveals that football's technosphere, composed of broadcasts, clubs, and large corporations, produces a psychosphere that reinforces European hegemony and naturalizes neoliberal practices. Elements such as labour deregulation, the financialization of clubs, and sports consumption structure this logic, impacting the organization of Brazilian football. It is concluded that as a commodity, football not only reflects but also contributes to the dissemination of neoliberal precepts, influencing subjectivities and reproducing inequalities in these sport's global economy.

Keywords: football; political economy; neoliberalism; globalization; psychosphere.

ECONOMÍA POLÍTICA DEL FÚTBOL Y LA CONSTRUCCIÓN DE UNA PSICOSFERA DE REAFIRMACIÓN DEL NEOLIBERALISMO EN BRASIL

Resumen: El fútbol profesional se configura como un fenómeno económico e ideológico en el contexto de la globalización, articulándose a partir del medio técnico-científico-informacional. Este estudio investiga la formación de la economía política del fútbol y su relación con la reafirmación de la ideología neoliberal, explorando la tecnosfera y la psicosfera del deporte. Utilizando el materialismo histórico-dialéctico como método, la investigación analiza el espacio geográfico como un sistema de objetos y acciones, conforme a lo propuesto por Milton Santos. El desarrollo de un mercado globalizado del fútbol fue impulsado por la modernización de las infraestructuras de transmisión y por el crecimiento de la financiarización de los clubes, especialmente en Europa. El análisis revela que la tecnosfera del fútbol, compuesta por transmisiones, clubes y grandes corporaciones, produce una psicosfera que refuerza la hegemonía europea y naturaliza prácticas neoliberales. Elementos como la desregulación laboral, la financiarización de los clubes y el consumo deportivo estructuran esta lógica, impactando la organización del fútbol brasileño. Se concluye que, en tanto mercancía, el fútbol no solo refleja, sino que también contribuye a la difusión de preceptos neoliberales, influyendo en las subjetividades y reproduciendo desigualdades en su economía global.

Palabras clave: fútbol; economía política; neoliberalismo; globalización; psicosfera

INTRODUÇÃO

O futebol profissional é um grande negócio. Desde o final do século XIX (Agostino, 2012), essa é sua melhor definição: negócio. Por outro lado, isso não significa que o futebol sempre teve a mesma significância dentro da acumulação de capital como há na atualidade. Esse trabalho visa discutir a

importância do futebol enquanto um elemento ideológico atual propiciado por uma tecnosfera e uma psicosfera constituída através do meio técnico-científico-informacional. Nesse sentido, defende-se aqui que surge uma economia política do futebol a partir da globalização, e sobre esta concorda-se aqui com Santos (2001), e que a tecnosfera constituída a partir desta economia política do futebol possibilita uma psicosfera de reafirmação de preceitos típicos do neoliberalismo.

Esse trabalho se apoia no método marxista a partir da geografia, ou seja, à partir do materialismo histórico-dialético, porém tendo em conta, como bem adverte Santos (2014 [1996]), que o óculo geográfico se dá através da observação do espaço enquanto elemento central de análise. Assim, primeiramente se define o espaço geográfico enquanto conjunto indissociável de um sistema de objetos e um sistema de ações, ao qual o espaço geográfico se encontra na totalidade sendo necessário outros conceitos e outras categorias de análise para uma pesquisa. Dessa forma, se entende que o movimento da globalização é um movimento que se insere na lógica da totalidade, ou seja, ocorre na escala do espaço geográfico. Em cada território, os processos da totalidade tomam características próprias, caracterizando aquilo que Santos (2014 [1996]) aponta sobre a unicidade e a totalidade.

A organização do texto tem como primeiro ponto a formação da economia política do futebol junto ao período da globalização. Com isso, visa-se apontar que, embora o futebol profissional seja permeado por negócios envolvendo relações de acumulação de capital, não há uma articulação internacional formando um mercado próprio deste esporte. O foco se dá no entendimento das transformações entre as ações e a produção dos objetos resulta na produção de um mercado globalizado do futebol masculino.

Na segunda parte, discute-se o par dialético de psicosfera e tecnosfera para o entendimento da produção e reprodução da ideologia, definindo também esta categoria. Nesse ponto, entende-se que as ações da classe dominante em todo momento visam reafirmar seu controle sobre o processo produtivo (Engels e Marx, 2018 [1932]). Os clubes enquanto sistemas de ações e de objetos, a competitividade e o discurso trazido pelos meios de comunicação são os elementos principais para a análise.

De modo a dar início às discussões acerca de uma economia política do futebol, é importante explicitar seu significado. Marx (1977 [1865]) diz que a economia política envolve os processos contraditórios de produção, circulação, distribuição e consumo de uma mercadoria. Ao contrário do pensamento dos economistas clássicos, ao autor esses processos são indissociáveis, uma vez que toda produção precisa, por exemplo, do consumo de matérias-primas. “De fato, cada um não é apenas imediatamente o outro, nem apenas intermediário do outro; cada um, ao realizar-se, cria o outro; cria-se sob a forma do outro” (Marx, 1977 [1865], p. 211).

A economia política envolve todas as relações de produção e as condições de produção existentes em uma sociedade. Ela está inserida, portanto, em uma determinada divisão do trabalho (Engels e Marx, 2018 [1932]) podendo ter uma escala local, territorial ou internacional dependendo da mercadoria e do tempo histórico analisado. É sabido que no caso do tempo atual, as escalas da divisão do trabalho se interligam. Dado esse caráter espacial da economia política, diz Santos (1994, p.115):

A economia política não pode prescindir do dado espacial. O espaço pode ser definido como o resultado de uma interação permanente entre, de um lado, o trabalho acumulado, na forma de infraestruturas e máquinas que se superpõem à natureza e, de outro lado, o trabalho presente, distribuído sobre essas formas provenientes de passado. O trabalho morto, sobre o qual se exerce o trabalho vivo, é a configuração geográfica e os dois, juntos, constituem, exatamente, o espaço geográfico.

O que Santos nos revela é a importância de pensar a economia política a partir dos objetos e das ações e suas distribuições no território. Para tal, os objetos apresentam-se a partir do trabalho morto, já realizado, ao qual sustentam as ações, trabalho vivo e recorrente para a criação de novo trabalho morto. No caso do futebol, afirma-se que sua principal mercadoria é a partida de futebol e o trabalho vivo é toda a dinâmica que permite a acumulação a partir do jogo: a mais-valia extraída a partir do jogador, a renda possibilitada pela venda de espaços de propaganda, a renda da bilheteria, a renda da venda de produtos, a renda a partir da venda de direitos televisivos e direitos de imagens de clubes, jogadores e campeonatos. Assim sendo, o futebol profissional, neste caso tanto dos homens quanto o das mulheres¹, é uma forma de produção de valor centrada na extração de mais-valia a partir da mercadoria partida de futebol.

O trabalho morto que se deriva disso são as estruturas necessárias para sua realização: os estádios, centros-de-treinamentos do time profissional e das categorias de base, assim como todas as estruturas de suporte possíveis. Ademais, ressalta-se a importância da venda da força de trabalho dos jogadores como forma central de produção de valor no futebol. Caso se deslocasse essa importância para a venda de direitos televisivos ou dos direitos federativos de um jogador de futebol, seria necessário manter apenas as primeiras divisões em um grupo seleto de países (Brasil, Uruguai, Argentina, México, Estados Unidos, Japão, China, Inglaterra, França, Portugal, Espanha, Itália, Bélgica, Holanda, Grécia, Alemanha e alguns outros mais), pois muitos outros lugares e divisões onde há a prática de futebol profissional não estariam contemplados por esses dois fatores.

A produção e a circulação do futebol profissional não se dão de maneira equânime tanto na escala global quanto na escala territorial. Aliás, a qualidade de uma partida e de todo um campeonato depende da técnica dos jogadores envolvidos. A distribuição destes jogadores “talentosos” também se dá de maneira desigual, sendo os fatores centrípetos o poder de compra e a capacidade de pagamento de salários maiores das equipes. Como apontado por Almeida (2023), o mercado de transferências de jogadores tem como principal centralidade as ligas de primeira divisão da Inglaterra, da França, da Alemanha, da Itália e da Espanha, com o aparecimento de supetão da Arábia Saudita desde 2022, enquanto outros locais têm como principal vocação a formação de jogadores para o exterior, caso do Brasil.

Portanto, neste trabalho que a economia política do futebol se articula a mercados globais de venda de produtos, direitos televisivos e direitos esportivos aos quais clubes negociam entre si para terem o direito de inscrever um jogador ou uma jogadora como parte de seu elenco. Embora transferências ocorram desde os primórdios (Agostino, 2012), essa prática global e que envolve bilhões de dólares anuais é algo muito recente e totalmente ligada ao meio técnico-científico-informacional.

Como surgiu a economia política do futebol? Primeiramente, trazemos a noção de modernizações pensadas por Santos (2004 [1979]). O autor as descreve enquanto mudanças nas esferas sociais, políticas, econômicas e culturais de uma sociedade sem qualquer sentido evolucionista ou de um teor que evoque progresso. Cada modernização, ao autor, aponta um período com técnicas e relações sociais, políticas,

econômicas e culturais próprias. As modernizações se iniciam em polos e se distribuem pelo espaço geográfico conforme as conexões entre os lugares.

A passagem do meio técnico para o meio técnico-científico-informacional constitui uma dessas modernizações. Dizem Santos e Silveira (2001) que o meio técnico se constitui com a divisão internacional do trabalho e com sistemas de objetos técnicos que vão tornando a sociedade independente dos tempos da natureza, sendo o meio onde as máquinas vão ser centrais na vida social, especialmente com as duas revoluções industriais do século XVIII e XIX. A Terceira Revolução Industrial, ou Revolução Técnico-Científica, subordinam, segundo os autores, a técnica e a ciência à produção de mercadorias e às lógicas de mercado. O resultado são objetos técnicos com funcionamento autônomo a partir de informações prévias e a constituição de redes de comunicação e transporte levando ao que Santos (2001) se refere enquanto simultaneidade, ou seja, a capacidade humana de se informar e se comunicar em espaços distantes em frações de segundos.

O meio técnico-científico-informacional é possibilitado por tecnologias via satélite, torres de difusão de sinal, cabamentos submarinos e uma série de novas técnicas que vão possibilitar a transmissão de um jogo em Birmingham para mais de 50 países de maneira simultânea. Essas tecnologias tornaram o futebol mundial muito mais próximo ao que era em 1958, quando já havia transmissão, mas estas estavam restritas a um punhado de países. Aliás, entre 1930 e 1960 as Copas do Mundo foram as únicas grandes formas de intercâmbio intercontinental de todos os praticantes de futebol. A partir da criação da Copa Intercontinental, realizada entre os membros da UEFA – União Europeia de *Football Association* e a da CONMEBOL – Confederação Sul-Americana de Futebol, minimamente essa conexão foi passada de maneira formal aos clubes, embora clubes fizessem excursões ao exterior, tal como o Santos de Pelé (Nascimento, 2012).

O futebol se desenvolveu de maneira mais ou menos uniforme em cada formação socioespacial², sendo que seria possível pensar em elementos técnicos de jogo denominados como “escola de futebol”. O Brasil possuía uma “escola de futebol”, enquanto a Argentina outra e assim por diante, embora no caso brasileiro as condições técnicas anteriores a 1970 faziam com que o futebol acompanhasse o caráter de arquipélago territorial apontado por Silveira e Santos (2001) sendo que os campeonatos nacionais se iniciaram em 1959 com um torneio eliminatório, a Taça

Brasil, e aquilo que denominamos como Campeonato Brasileiro com deslocamentos maiores de clubes e torcidas pelo território nacional se inicia em 1971.

Devido à globalização, as transmissões vão atingindo novos espectadores e deixam de ser apenas para as Copas do Mundo, resultando no aumento da capacidade de renda através da venda de direitos televisivos, o que outrora era alcançado pela bilheteria (Mascarenhas, 2014). Além da transmissão em si, tornou-se mais simples acompanhar o desenvolvimento de jogadores em outras ligas. A partir da década de 1980 se verifica o aumento de transferências de jogadores da América do Sul em direção à Europa. O caso brasileiro é exemplificado pelas saídas ao exterior de Falcão, Zico e Sócrates, jogadores de renome das Copas do Mundo de 1982 e 1986. No entanto, apenas o espriamento técnico não foi suficiente, eram necessárias mudanças no padrão de acumulação das equipes com normas que incentivassem essa prática.

Dentro do contexto do governo neoliberal de Margareth Thatcher (1979-1990), o Reino Unido viveu a desregulação da economia, o enfraquecimento dos sindicatos e o auge da violência nos estádios (Giulianotti, 1994). Após dois graves incidentes, Heysel³ (Bélgica) em 1985 resultando em 32 mortes e Hillsborough⁴ (Inglaterra) em 1989 resultando em 97 falecimentos, o governo inglês aproveitou o *timing* para remodelar o futebol tanto no âmbito dos estádios quanto no formato da liga (Giulianotti, 1994; Mascarenhas, 2014).

O resultado dessas mudanças foi, em primeiro lugar, a padronização dos estádios ingleses para um público de maior poder aquisitivo, visto pelo governo como menos violento (Giulianotti, 1994), o que possibilitou tornar os estádios como locais de consumo tais como *shopping centers*. Além disso, houve a criação da Premier League, instituição privada criada pelos clubes da primeira divisão inglesa para organizar e vender os direitos de imagem da competição. Em um momento de aumento da financeirização, do fim da Guerra Fria (1949-1989) e da prevalência dos mercados financeiros (Chesnais, 2005) não era difícil pensar que os clubes recorreriam a abertura de capital nas bolsas de valores, caso do Manchester United em 1992.

Esse processo que se inicia na Inglaterra e parcialmente na Alemanha, Espanha e Itália começa a produzir o efeito de centralização de capital nos principais

clubes destes países. No entanto, ainda havia uma série de regras das federações nacionais para proteger suas ligas de uma enxurrada de jogadores estrangeiros, o que poderia comprometer rendimento de suas equipes nacionais. Nicolau (2017) argumenta que essa modificação foi realizada a partir do caso de 1995 envolvendo Jean-Marc Bosman, após o fim do contrato deste com o Liège, que tentou uma renovação e houve a recusa do jogador.

Por conta disso, o belga tentou uma transferência ao Dunkerke, porém não logrou porque embora sem contrato, o Liège ainda pleiteava o recebimento de uma quantia para sua liberação. Bosman viu-se obrigado a entrar com ação visando sua liberação de qualquer vínculo de trabalho com o Liège e a possibilidade de formalizar contrato com o Dunkerque alegando que a partir dos artigos 48, 85 e 86 do Tratado de Roma de 1957, que garante a mobilidade da força de trabalho dentro da Comunidade Econômica Europeia (Nicolau, 2017).

Com isso, a possibilidade de contratação de jogadores comunitários aumentou, o que possibilitou aos clubes de maior poder aquisitivo irem em ligas de outros países contratar jogadores. Damo (2005) afirma que a partir de 1995, jogadores brasileiros começaram a requisitar cidadania de países como Portugal, Espanha e Itália de modo a terem maiores chances de serem contratados por clubes europeus. Essa foi a fase final da superação entre o futebol desenvolvido dentro de cada formação socioespacial para a articulação de um mercado globalizado. Dado o pioneirismo e as maiores condições materiais de acumulação, os clubes europeus se tornaram fixos de centralização de capital a partir da compra de jogadores de futebol de todo o globo. Assim como no restante das atividades econômicas (Santos, 2000), a globalização no futebol foi responsável pelo aumento substancial das desigualdades entre países e regiões, com pontos ligados às redes globais privilegiados e grandes espaços opacos.

O SURGIMENTO DA ECONOMIA POLÍTICA DO FUTEBOL

De modo a dar início às discussões acerca de uma economia política do futebol, é importante explicitar seu significado. Marx (1977 [1865]) diz que a economia política envolve os processos contraditórios de produção, circulação, distribuição e consumo de uma mercadoria. Ao contrário do pensamento dos economistas clássicos, ao autor esses processos são indissociáveis, uma vez que toda produção precisa, por

exemplo, do consumo de matérias-primas. “De fato, cada um não é apenas imediatamente o outro, nem apenas intermediário do outro; cada um, ao realizar-se, cria o outro; cria-se sob a forma do outro” (Marx, 1977 [1865], p. 211).

A economia política envolve todas as relações de produção e as condições de produção existentes em uma sociedade. Ela está inserida, portanto, em uma determinada divisão do trabalho (Engels e Marx, 2018 [1932]) podendo ter uma escala local, territorial ou internacional dependendo da mercadoria e do tempo histórico analisado. É sabido que no caso do tempo atual, as escalas da divisão do trabalho se interligam. Dado esse caráter espacial da economia política, diz Santos (1994, p.115):

A economia política não pode prescindir do dado espacial. O espaço pode ser definido como o resultado de uma interação permanente entre, de um lado, o trabalho acumulado, na forma de infra-estruturas e máquinas que se superpõem à natureza e, de outro lado, o trabalho presente, distribuído sobre essas formas provenientes de passado. O trabalho morto, sobre o qual se exerce o trabalho vivo, é a configuração geográfica e os dois, juntos, constituem, exatamente, o espaço geográfico.

O que Santos nos revela é a importância de pensar a economia política a partir dos objetos e das ações e suas distribuições no território. Para tal, os objetos apresentam-se a partir do trabalho morto, já realizado, ao qual sustentam as ações, trabalho vivo e recorrente para a criação de novo trabalho morto. No caso do futebol, afirma-se que sua principal mercadoria é a partida de futebol e o trabalho vivo é toda a dinâmica que permite a acumulação a partir do jogo: a mais-valia extraída a partir do jogador, a renda possibilitada pela venda de espaços de propaganda, a renda da bilhetagem, a renda da venda de produtos, a renda a partir da venda de direitos televisivos e direitos de imagens de clubes, jogadores e campeonatos. Assim sendo, o futebol profissional, neste caso tanto dos homens quanto o das mulheres², é uma forma de produção de valor centrada na extração de mais-valia a partir da mercadoria partida de futebol.

O trabalho morto que se deriva disso são as estruturas necessárias para sua realização: os estádios, centros-de-treinamentos do time profissional e das categorias de base, assim como todas as estruturas de suporte possíveis. Ademais, ressalta-se a importância da venda da força de trabalho dos jogadores como forma central de

² Aqui seguimos a definição trazida por Haag (2023) e Damo (2019), optando pela definição de um futebol de mulheres e um futebol dos homens como formas de separar as modalidades e evitar a colocação do futebol “feminino” enquanto uma extensão ou uma concessão do futebol “masculino”.

produção de valor no futebol. Caso se deslocasse essa importância para a venda de direitos televisivos ou dos direitos federativos de um jogador de futebol, seria necessário manter apenas as primeiras divisões em um grupo seleto de países (Brasil, Uruguai, Argentina, México, Estados Unidos, Japão, China, Inglaterra, França, Portugal, Espanha, Itália, Bélgica, Holanda, Grécia, Alemanha e alguns outros mais), pois muitos outros lugares e divisões onde há a prática de futebol profissional não estariam contemplados por esses dois fatores.

A produção e a circulação do futebol profissional não se dão de maneira equânime tanto na escala global quanto na escala territorial. Aliás, a qualidade de uma partida e de todo um campeonato depende da técnica dos jogadores envolvidos. A distribuição destes jogadores “talentosos” também se dá de maneira desigual, sendo os fatores centrípetos o poder de compra e a capacidade de pagamento de salários maiores das equipes. Como apontado por Almeida (2023), o mercado de transferências de jogadores tem como principal centralidade as ligas de primeira divisão da Inglaterra, da França, da Alemanha, da Itália e da Espanha, com o aparecimento de supetão da Arábia Saudita desde 2022, enquanto outros locais têm como principal vocação a formação de jogadores para o exterior, caso do Brasil.

Portanto, neste trabalho que a economia política do futebol se articula a mercados globais de venda de produtos, direitos televisivos e direitos esportivos aos quais clubes negociam entre si para terem o direito de inscrever um jogador ou uma jogadora como parte de seu elenco. Embora transferências ocorram desde os primórdios (Agostino, 2012), essa prática global e que envolve bilhões de dólares anuais é algo muito recente e totalmente ligada ao meio técnico-científico-informacional.

Como surgiu a economia política do futebol? Primeiramente, trazemos a noção de modernizações pensadas por Santos (2004 [1979]). O autor as descreve enquanto mudanças nas esferas sociais, políticas, econômicas e culturais de uma sociedade sem qualquer sentido evolucionista ou de um teor que evoque progresso. Cada modernização, ao autor, aponta um período com técnicas e relações sociais, políticas, econômicas e culturais próprias. As modernizações se iniciam em polos e se distribuem pelo espaço geográfico conforme as conexões entre os lugares.

A passagem do meio técnico para o meio técnico-científico-informacional constitui uma dessas modernizações. Dizem Santos e Silveira (2001) que o meio técnico se constitui com a divisão internacional do trabalho e com sistemas de objetos

técnicos que vão tornando a sociedade independente dos tempos da natureza, sendo o meio onde as máquinas vão ser centrais na vida social, especialmente com as duas revoluções industriais do século XVIII e XIX. A Terceira Revolução Industrial, ou Revolução Técnico-Científica, subordinam, segundo os autores, a técnica e a ciência à produção de mercadorias e às lógicas de mercado. O resultado são objetos técnicos com funcionamento autônomo a partir de informações prévias e a constituição de redes de comunicação e transporte levando ao que Santos (2001) se refere enquanto simultaneidade, ou seja, a capacidade humana de se informar e se comunicar em espaços distantes em frações de segundos.

O meio técnico-científico-informacional é possibilitado por tecnologias via satélite, torres de difusão de sinal, cabamentos submarinos e uma série de novas técnicas que vão possibilitar a transmissão de um jogo em Birmingham para mais de 50 países de maneira simultânea. Essas tecnologias tornaram o futebol mundial muito mais próximo ao que era em 1958, quando já havia transmissão, mas estas estavam restritas a um punhado de países. Aliás, entre 1930 e 1960 as Copas do Mundo foram as únicas grandes formas de intercâmbio intercontinental de todos os praticantes de futebol. A partir da criação da Copa Intercontinental, realizada entre os membros da UEFA – União Europeia de *Football Association* e a da CONMEBOL – Confederação Sul-Americana de Futebol, minimamente essa conexão foi passada de maneira formal aos clubes, embora clubes fizessem excursões ao exterior, tal como o Santos de Pelé (Nascimento, 2012).

O futebol se desenvolveu de maneira mais ou menos uniforme em cada formação socioespacial³, sendo que seria possível pensar em elementos técnicos de jogo denominados como “escola de futebol”. O Brasil possuía uma “escola de futebol”, enquanto a Argentina outra e assim por diante, embora no caso brasileiro as condições técnicas anteriores a 1970 faziam com que o futebol acompanhasse o caráter de arquipélago territorial apontado por Silveira e Santos (2001) sendo que os campeonatos nacionais se iniciaram em 1959 com um torneio eliminatório, a Taça Brasil, e aquilo que denominamos como Campeonato Brasileiro com deslocamentos maiores de clubes e torcidas pelo território nacional se inicia em 1971.

³ Formação socioespacial entendida aqui a partir de Santos (2005 [1979]). A formação socioespacial é o conceito que utilizamos ao invés da terminologia de formação econômico-social (FES), concordando com Santos (2014 [1996]) que ao ser observado o processo de formação das forças produtivas de uma sociedade, os elementos econômicos, sociais também são espaciais.

Devido à globalização, as transmissões vão atingindo novos espectadores e deixam de ser apenas para as Copas do Mundo, resultando no aumento da capacidade de renda através da venda de direitos televisivos, o que outrora era alcançado pela bilheteria (Mascarenhas, 2014). Além da transmissão em si, tornou-se mais simples acompanhar o desenvolvimento de jogadores em outras ligas. A partir da década de 1980 se verifica o aumento de transferências de jogadores da América do Sul em direção à Europa. O caso brasileiro é exemplificado pelas saídas ao exterior de Falcão, Zico e Sócrates, jogadores de renome das Copas do Mundo de 1982 e 1986. No entanto, apenas o espraio técnico não foi suficiente, eram necessárias mudanças no padrão de acumulação das equipes com normas que incentivassem essa prática.

Dentro do contexto do governo neoliberal de Margareth Thatcher (1979-1990), o Reino Unido viveu a desregulação da economia, o enfraquecimento dos sindicatos e o auge da violência nos estádios (Giulianotti, 1994). Após dois graves incidentes, Heysel⁴ (Bélgica) em 1985 resultando em 32 mortes e Hillsborough⁵ (Inglaterra) em 1989 resultando em 97 falecimentos, o governo inglês aproveitou o *timing* para remodelar o futebol tanto no âmbito dos estádios quanto no formato da liga (Giulianotti, 1994; Mascarenhas, 2014).

O resultado dessas mudanças foi, em primeiro lugar, a padronização dos estádios ingleses para um público de maior poder aquisitivo, visto pelo governo como menos violento (Giulianotti, 1994), o que possibilitou tornar os estádios como locais de consumo tais como *shopping centers*. Além disso, houve a criação da Premier League, instituição privada criada pelos clubes da primeira divisão inglesa para organizar e vender os direitos de imagem da competição. Em um momento de aumento da financeirização, do fim da Guerra Fria (1949-1989) e da prevalência dos mercados financeiros (Chesnais, 2005) não era difícil pensar que os clubes recorreriam a abertura de capital nas bolsas de valores, caso do Manchester United em 1992.

Esse processo que se inicia na Inglaterra e parcialmente na Alemanha, Espanha e Itália começa a produzir o efeito de centralização de capital nos principais clubes destes países. No entanto, ainda havia uma série de regras das federações nacionais para proteger suas ligas de uma enxurrada de jogadores estrangeiros, o

⁴ Final da Liga dos Campeões da Europa entre Liverpool e Juventus.

⁵ Final da Copa da Inglaterra entre Liverpool e Nottingham Forest em Sheffield (RUN).

que poderia comprometer rendimento de suas equipes nacionais. Nicolau (2017) argumenta que essa modificação foi realizada a partir do caso de 1995 envolvendo Jean-Marc Bosman, após o fim do contrato deste com o Liège, que tentou uma renovação com redução drástica no salário e casou a recusa do jogador. Por conta disso, o belga tentou uma transferência ao Dunkerque, clube francês, porém não logrou a transferência porque embora sem contrato, o Liège ainda pleiteava o recebimento de uma quantia para sua liberação. Bosman viu-se obrigado a entrar com ação visando sua liberação de qualquer vínculo de trabalho com o Liège e a possibilidade de formalizar contrato com o Dunkerque alegando que a partir dos artigos 48, 85 e 86 do Tratado de Roma de 1957, que garante a mobilidade da força de trabalho dentro da Comunidade Econômica Europeia (Nicolau, 2017).

Com isso, a possibilidade de contratação de jogadores comunitários aumentou, o que possibilitou aos clubes de maior poder aquisitivo irem em ligas de outros países contratar jogadores. Damo (2005) afirma que a partir de 1995, jogadores brasileiros começaram a requisitar cidadania de países como Portugal, Espanha e Itália de modo a terem maiores chances de serem contratados por clubes europeus. Essa foi a fase final da superação entre o futebol desenvolvido dentro de cada formação socioespacial para a articulação de um mercado globalizado. Dado o pioneirismo e as maiores condições materiais de acumulação, os clubes europeus se tornaram fixos de centralização de capital a partir da compra de jogadores de futebol de todo o globo. Assim como no restante das atividades econômicas (Santos, 2000), a globalização no futebol foi responsável pelo aumento substancial das desigualdades entre países e regiões, com pontos ligados às redes globais privilegiados e grandes espaços opacos.

PSICOSFERA E TECNOSFERA: O NEOLIBERALISMO ATRAVÉS DO FUTEBOL

O aumento do poder aquisitivo entre os clubes de futebol e a maior capacidade de busca por jogadores tornou a competitividade um fator importante no rendimento esportivo dos clubes. Em locais onde esse processo veio *a posteriori* e cuja pujança econômica não apresentava condições materiais de se manter em competição com as principais ligas europeias, houve a perda de centralidade e uma fuga de jogadores. Esse foi o caso do Brasil com as desregulações causadas pelas leis nº 8672/1993, conhecida como Lei Zico, e nº 9615/1998, conhecida como Lei Pelé. A primeira instituiu a possibilidade de formação de clubes-empresas no país, enquanto a

segunda possibilitou maior mobilidade dos jogadores aos lhes soltar da obrigação esportiva para além da venda da força de trabalho, conhecida como passe.

O Brasil ficou reconhecido enquanto país dos “pés-de-obras”, notavelmente com o maior número de jogadores atuando em solo estrangeiro segundo o Centro de Estudos Internacional do Futebol – CIES (2023). Em um país que se reconhece enquanto “país do futebol”, maior campeão de Copas do Mundo e com clubes de futebol reconhecidos no exterior, é necessário entender como essas mudanças afetaram a visão do torcedor brasileiro em relação a esse novo momento.

Para tal, traz-se aqui o par da tecnosfera e a psicofera. Santos (2014 [1996]) aponta que que tecnosfera produz uma psicofera, cujo conteúdo é uma determinada ideologia. Sobre ideologia, “ela está na estrutura do mundo e também nas coisas. É um fator constitutivo da história do presente” (Santos, [1996] 2014, p.128). Moraes (2005), apresenta que a preocupação com a temática da ideologia era um antídoto contra deslizes economicistas dentro do contexto da renovação crítica passada pela Geografia nas décadas de 1970 e 1980. O autor tem como intuito evitar a despolitização do termo e discuti-lo tendo as vinculações entre as representações do espaço e a prática política.

Segundo Engels e Marx (2018 [1932]) a ideologia é pensada como forma de entender as diferenças metodológicas entre o idealismo hegeliano e o materialismo proposto pelos autores, pois a consciência defendida pelos novos hegelianos como finalidade filosófica a Engels e Marx não modifica em nada a realidade. Os autores continuam sua argumentação sobre o método de análise da história, apontando que ao contrário de buscar formações ideais e uma ideia de que os produtos da consciência podem ser destruídos pela crítica, sugerem a destruição de uma consciência a partir da destruição das relações sociais reais que se apoiam sobre essa consciência.

Portanto, fica claro que a consciência é uma construção social e não uma ideia atingível a partir do esforço intelectual individual ou um platô alcançável para modificar a realidade. Sobre a ideologia, salienta-se que “as ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isso é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante” (Engels e Marx, p. 47, [1932] 2018). Assim, a consciência dos indivíduos é trabalhada objetivamente subjetivamente pelas relações de produção existentes. O trabalho das

subjetividades como forma de entendimento da realidade é bastante importante a essa pesquisa.

Qual a tecnosfera do futebol? Os grandes veículos de informação responsáveis pela transmissão de partidas internacionais, muitas destas das ligas europeias; a *Federation Internationale de Football Association* – FIFA, seu sistema associativo internacional e a organização de todas as normas que regem o futebol profissional no mundo; os clubes de futebol. Funcionam em conjunto com a tecnosfera da sociedade globalizada. Segundo Santos (2014 [1996]), a tecnosfera produz uma psicosfera que referenda no campo subjetivo e objetivo as narrativas de quem produz essa tecnosfera. Portanto, a psicosfera é uma manifestação da ideologia da classe dominante.

No futebol, a psicosfera constituída resultou em alguns elementos importantes: o primeiro, a da inevitabilidade do domínio europeu; o segundo, a necessidade de competir acima de tudo, resultando em uma aceitação de práticas neoliberais sem qualquer tipo de questionamento por parte dos torcedores.

Sobre o primeiro ponto, pontua Losurdo (2017), os ganhadores da Guerra Fria foram países que mantiveram ou mantêm colônias até a atualidade, pautando o desenvolvimento econômico com a dominação imperialista. Harvey (2005) pensando em um imperialismo neoliberal, aponta a necessidade de criação de meios para aceitação de uma acumulação por espoliação⁶, especialmente dos Estados Unidos. Nesse texto se entende que a acumulação por espoliação tem como principal centro os Estados Unidos, porém nos anos 1990 era inegável as intencionalidades das grandes firmas da Europa Ocidental e do Japão. O imperialismo neoconservador é a nova forma das relações de exploração da divisão internacional do trabalho.

Essa reflexão acima auxilia na elucidação da psicosfera em relação ao futebol europeu. A tecnosfera da globalização já havia dado aos europeus e estadunidenses a vantagem do controle e produção da comunicação global (Santos, 2000). Assim, as informações e visão-de-mundo, construtoras de ideologia, chegam aos povos de todo o planeta a partir do crivo e da visão de mundo desta pequena fração do planeta. Quando Bale (2000) afirma que um clube de futebol é um símbolo de sua comunidade urbana, isso significa que os clubes de futebol possuem uma informação prévia sobre

⁶ Ao autor, acumulação por espoliação é a liberação de um conjunto de ativos a custo muito baixo de modo ao qual o capital sobreacumulado pode apossar-se desses ativos e dar-lhes imediatamente um uso lucrativo.

um lugar e a levam onde jogam. Com o meio técnico-científico-informacional, os campeonatos europeus transmitidos em escala global levam essas informações sobre os lugares sem que o clube precise visitá-los. Camisetas do Real Madrid, por exemplo, são frequentemente encontradas em qualquer lugar do mundo, mesmo que não sejam originais. No Brasil, é comum que barracas de calçada do circuito inferior da economia tenham as camisetas dos principais clubes europeus dada a popularidade que esses clubes têm no país.

Os clubes de futebol europeus, portanto, auxiliam no trabalho da subjetividade de diversas populações, mesmo de países onde há restrições políticas aos países em si. Assim como o cinema e a música, funciona como uma forma de *soft power* exercida não somente por países considerados autocráticos. Da mesma forma, o controle da informação atribui-se um caráter único ao futebol de Inglaterra, França, Alemanha, Espanha e Itália, auxiliando no apagamento de outros locais onde o futebol é um elemento cultural de relevância histórica. Inclusive, há o descrédito de figuras históricas cuja carreira futebolística não tenha nenhum contato com o Velho Continente, como no caso de Pelé⁷. A contestação do número total de gols creditados ao jogador, 1283, visa relativizar os feitos do maior jogador da história, brasileiro, e que nunca pisou em um gramado europeu defendendo as cores de um clube local. Da mesma forma, dada a economia política do signo anual, entende-se que é uma tentativa de elevar Lionel Messi e Cristiano Ronaldo, os dois maiores ganhadores de prêmios internacionais da atualidade, ao mesmo nível de Pelé. Novamente, não é o intuito desse trabalho se deter sobre qual jogador é melhor, porém a intencionalidade de diminuição de Pelé frente àquilo que pode ser vendido e tem lastro europeu.

Esse sentido de existência única dos clubes europeus é corroborado pela imprensa, inclusive a imprensa local brasileira. Não há nos canais abertos do Brasil algum programa jornalístico que transmita informações e gols dos campeonatos regionais de outros países, senão de ligas do continente europeu. Nos canais da televisão paga do Brasil, a estadunidense ESPN possui um programa chamado de Futebol no Mundo, que basicamente cobre o futebol europeu, muito embora a ESPN tenha os direitos de transmissão do Campeonato Argentino. Outra empresa estadunidense, a Turner, tem no Brasil o canal Esporte Interativo, cujo slogan da Liga

⁷ DOWNIE, Andrew. Pele's astonishing goal record. Reuters. 29 de dezembro de 2022. Disponível em: <https://www.reuters.com/lifestyle/sports/how-many-peles-astonishing-goal-record-2022-12-29/>. Acesso em 01 de julho de 2024.

dos Campeões da Europa é “o maior torneio de clubes do mundo”. Quando um clube brasileiro se recusa a vender um jogador à Europa, é criticado pela falta de olhar ao mercado, quando o jogador é vendido, é “bom para o clube”⁸.

Essa repetição discursiva da excepcionalidade do futebol europeu ganhou novos contornos a partir dos jogos eletrônicos. A franquias mais longeva de jogos eletrônicos, a FIFA/EA da empresa canadense *Electronic Arts* tem como clara prioridade os campeonatos europeus. A diferença sempre foi enorme: enquanto para os campeonatos europeus o número de ligas, estádios, cânticos de torcida e jogadores que imitam a realidade é ampla, especialmente para a Inglaterra, os clubes dos demais continentes são sempre inferiores com generalizações em todos os sentidos. A atratividade dos clubes europeus pela estética, capacidade de jogabilidade e disponibilidade de equipes é incomparável.

Além disso, a atual superioridade financeira dos clubes das *Big 5 Leagues* cria a narrativa de uma centralidade única do futebol europeu. A inevitabilidade dos clubes do Velho Continente é reafirmada em cada final ou semifinal da Copa do Mundo de Clubes da FIFA, ao qual o vencedor da Liga dos Campeões enfrenta comumente⁹ o campeão da Conmebol Libertadores e a única vitória sul-americana desde 2005 foi em 2012. Comemorações pouco expressivas por parte dos europeus ou reclamações por interrupção da temporada para a disputa do torneio da FIFA são comuns, como se ganhar o título de campeão do mundo fosse uma obviedade a partir do momento em que são os campeões da Europa.

Através do futebol há uma idealização dos países europeus enquanto formações socioespaciais que funcionam, assim como os Estados Unidos da América a partir de esportes locais como o futebol americano e o basquete. Uma vez que é possível observar toda essa reafirmação das principais ligas da Europa a partir da psicossfera no futebol, é possível também entender que a ideologia vai se permear no campo das ideias, onde o neoliberalismo é posto em posição central no futebol atual. Como isso é possível?

⁸ GONÇALVES, Emerson. Neymar no Barça: foi mesmo vendido ou não. Globoesporte.com. Futebol Internacional. 05 de setembro de 2011. Disponível em: <<https://ge.globo.com/platb/olharcronicoesportivo/2011/09/05/neymar-no-barca-foi-mesmo-vendido-ou-nao/>>. Acesso em 01 de julho de 2024.

⁹ Comumente, pois clubes da América do Norte, África e Ásia em algumas ocasiões lograram chegar à final.

A partir do momento em que os clubes de futebol necessitam de valores sempre maiores para manter o padrão de competição, inclusive tendo na venda de jogadores uma atividade importante para o balanço financeiro, os torcedores introjetam a ideia de abrir mão de suas convicções para que o clube receba investimentos. Atualmente, como afirmam Ferreira e Motta (2021), há a compra de clubes de futebol no Brasil, outrora associações sem fins lucrativos, tornando-se empresas, o que retira toda a luta dos torcedores por maior participação política em seus clubes. O que se percebe, tanto no caso da venda do Botafogo ao Eagle Group, quanto na venda do Bahia ao City Group, é a esperança dos torcedores em terem os elencos mais caros e, dessa forma, alcançarem o maior número de títulos.

No cotidiano dos torcedores e de quem acompanha futebol, as especulações, os rumores e a expectativa sobre entrada e saída de jogadores é incentivada nos meios-de-comunicação e entretenimento. Os sítios de jornalismo esportivo costumam criar uma página específica para apresentarem, em infográficos, as principais contratações, vendas e empréstimos de atletas realizados na janela de transferências, que pode ser exemplificado na sessão “Mercado da Bola” do Globoesporte.com. Nos canais de televisão, há boletins e programas específicos para retratarem a situação nacional e internacional, com especialistas diários para o assunto. Nos canais de televisão por assinatura Sportv, quando há alguma contratação importante realizada por um clube brasileiro na janela de janeiro, é comum a programação ser interrompida ao vivo ou a notícia da contratação ocorrer o mais rápido o possível em espaço reservado a reclames comerciais.

Essa naturalização das transferências de direitos esportivos dos jogadores de futebol também passa pela indústria de entretenimento, com ênfase nos jogos eletrônicos. Grandes sucessos como FIFA, Pro Evolution Soccer, Football Manager, Championship Manager, Elifoot e Brasfoot aplicam o mecanismo de compra e venda de jogadores desde os anos 2000. Aliás, a franquia Championship Manager inaugurou a simulação do mercado de transferências de jogadores em 2001 ao criarem o primeiro jogo robusto cujo foco não é dar ao usuário a oportunidade de controlar os jogadores em campo. Nesses jogos de simulação, o foco dado são a vida e as atribuições que cabem a um técnico de futebol: observação de jogadores jovens, compra e venda de jogadores, relações com a diretoria e com a torcida, programação de treinos, manutenção do bem-estar dos jogadores e das relações internas.

É central a quem acompanha futebol estar de olho no elenco a ser formado pela equipe desde o fim de uma temporada até o início da próxima, analisando desempenho do treinador, jogadores e às vezes dos cargos da comissão técnica e diretoria. Há um nível de competitividade entre os clubes brasileiros, mais sensível nos 20 clubes da principal competição, que gera a necessidade de um elenco milionário. A Série A possui clubes que têm folhas salariais mensais acima de 10 milhões de reais e gastos em contratações de dezenas de milhões de reais. Esses valores não são simples de serem atingidos por um clube brasileiro, mesmo na divisão de elite. Daí, surgem uma série de sacrifícios apontadas pelos livros de gestão assim como as justificativas pelo aumento do preço de ingresso e a necessidade de garantir um plano de sócio-torcedor para obtenção de descontos.

Em nome da competitividade, propõem-se o sacrifício do torcedor. Da mesma forma como o Consenso de Washington e os autores neoliberais propõem sacrifícios aos pobres no altar da economia, os dirigentes e a imprensa professam os dogmas para um clube de futebol evitar o rebaixamento à Série B: a austeridade, a diminuição de privilégios do torcer e, se necessário for, a terceirização como forma de evitar a política. Mattar (2002) e Friedman (2002), embora falando de assuntos distintos, chegam a conclusões semelhantes sobre a eficácia da empresa privada e a necessidade de acumulação em poupança para melhor gestão de um clube ou da sociedade.

A austeridade é a carta de todo dirigente quando o clube não se encontra em boas condições financeiras¹⁰. Assim como o Estado brasileiro desde a implantação do tripé macroeconômico em 1999, todo clube de futebol busca mostrar eficiência através de superávits acometidos a partir de cortes bruscos nos gastos. Como bem salienta Aglietta (1986), quando uma empresa em crise visa cortar gastos, os cortes feitos são

¹⁰ GIUFRIDA, Bruno. LOURENÇO, Leonardo. Novo diretor-executivo defende plano de austeridade santista: “é irreversível”. *Globoesporte.com*. Futebol: Santos. Santos: 24 de fevereiro de 2015. Disponível em: <<https://ge.globo.com/sp/santos-e-regiao/futebol/times/santos/noticia/2015/02/novo-diretor-executivo-defende-plano-de-austeridade-santista-e-irreversivel.html>>. Acesso em 01 de julho de 2024.

CARA, Thiago. Corinthians: superávit explica dinheiro para contratações? Entenda o que mudou de 2020 para 2021. *ESPN*. Futebol: Corinthians. Disponível em: <https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_/id/9110997/corinthians-superavit-explica-dinheiro-para-contratacoes-entenda-o-que-mudou-de-2020-para-2021>. Acesso em 01 de julho de 2024. De substituto de Gabigol a novo diretor de futebol do Flamengo: cinco missões que BAP terá como presidente de clube. *ESPN*. 10 de dezembro de 2024. Disponível em: https://www.espn.com.br/futebol/flamengo/artigo/_/id/14548314/flamengo-bap-presidente-substituto-gabigol-novo-diretor-cinco-missoes-luiz-eduardo-baptista. Acesso em 01 de janeiro de 2025.

no capital variável, portanto, no número de funcionários. No caso do futebol, a austeridade tem o mesmo significado, embora isso entre na contradição básica desse esporte: diminuição drástica em gastos significa um elenco mais fraco, o que diminui o rendimento esportivo, o interesse de transmissão e de procura de patrocinadores e as bonificações por rendimento. Cortar salários é cortar a capacidade de atração de bons jogadores e perder competitividade. Assim como, ao contrário da produção de mercadorias comuns, a mais-valia de um clube não aumenta com a diminuição no número de funcionários, pois não é possível fazer um campeonato de futebol em níveis competitivos com menos de 30 jogadores no elenco. As derrotas não compensam os cortes, porém clubes e torcedores continuam a replicar essa lógica e mesmo as SAFs apontam a austeridade enquanto uma virtude^{11 12}.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O futebol não é um produto cultural apartado da sociedade que o construiu. Portanto, em um mundo pautado pela Nova Ordem Mundial pós-Guerra Fria, pelo neoliberalismo econômico e a constituição do meio técnico-científico-informacional, era esperado que o avanço desses processos resultaria em mudanças estruturais no futebol profissional. De um futebol imerso na formação socioespacial brasileira a uma economia política global, essas mudanças resultaram no aumento da necessidade da racionalização e aumento da capacidade de angariar investimentos por parte dos clubes do futebol, tendo como efeito a perda de rendimento esportivo daqueles cuja capacidade não seguiu a mesma tendência. Assim, ao torcedor, torna-se indispensáveis atitudes que visem o aumento da arrecadação: a venda precoce de um jovem e promissor jogador, a perda dos poucos direitos políticos possíveis com a transformação da associação sem fins lucrativos em SAF e a exclusão do espaço de especulação em nome de uma renda maior em bilheteria.

¹¹ Análise Itaú BBA: relatório mostra “gestão pés no chão” no Botafogo, mas cobra ainda mais austeridade. Globoesporte.com. Futebol: Botafogo. Rio de Janeiro: 18 de setembro de 2018. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/botafogo/noticia/analise-itaubba-relatorio-mostra-gestao-pes-no-chao-no-botafogo-mas-cobra-ainda-mais-austeridade.ghtml>. Acesso em 01 de julho de 2024.

¹² O presidente Eduardo Bandeira de Mello do Flamengo (2016-2018) teve uma retórica de seu mandato sobre a austeridade, enquanto isso o Flamengo em 2017 recebeu da Rede Globo 170 milhões de reais em direitos televisivos, enquanto a média ganha pelos clubes ficou em torno de 80 milhões. 90 milhões são uma quantia que, não importa o quanto de austeridade se aplicasse, nunca seria realizada.

Com isso, o futebol torna-se um excelente exercício de aprendizado acerca do neoliberalismo: há a necessidade de maior transferência de renda das pessoas pobres às empresas em nome de uma suposta melhoria no oferecimento do bem ou serviço, ou no caso do futebol, na formação de um time mais forte e vencedor. Esse *modus operandi* desta economia política não apresenta até o momento de escrita deste trabalho qualquer tipo de distensão ou reversão. Pelo contrário, a necessidade sempre crescente do aumento de investimentos produz novos cenários de centralização de clubes de futebol em conglomerados esportivos e novos produtos financeiros possíveis através deste esporte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGLIETTA, M. Segunda parte. Cap. IV – Concentración y centralización del capital. In: **Regulación y crisis del capitalismo**. 3ª edição. México: Veintiuno Editores, 1986;

AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional**. Rio de Janeiro: FAPERJ: Ed. Mauad, 2012. 2.ed.

ALMEIDA, R. Globalização e futebol: o mercado mundial de transferência de jogadores e a questão centro-periferia no Brasil. **Boletim Campineiro de Geografia**, [S. l.], v. 13, n. 1, 2023. DOI: 10.54446/bcg.v13i1.3020. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-campineiro/article/view/3020>. Acesso em: 15 jan. 2025.

BALE, J. **The changing face of football: soccer and community**. In: *Soccer and Society*, vol.1, n.1, p.91-101, 2000.

CHESNAIS, F. O capital portador de juros: acumulação, internacionalização, efeitos econômicos e políticos. In: _____, F. (org.). **A finança mundializada: raízes sociais e políticas, configuração, consequências**. São Paulo: Boitempo, 2005.

DAMO, A. **Do Dom a Profissão: Uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. Tese de defesa para a obtenção do título de doutor junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2005, 435f.

DAMO, A. Futebóis – da horizontalidade epistemológica à diversidade política. **FuLiA/UFMG**, Belo Horizonte/MG, Brasil, v. 3, n. 3, p. 37–66, 2019. DOI: 10.17851/2526-4494.3.3.37-66. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/14644>. Acesso em: 17 nov. 2024.

ENGELS, Friedrich. MARX, Karl. **A ideologia alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo

alemão em seus diferentes profetas. São Paulo:Boitempo Editorial, 2017, 8ª reimpressão.

FERREIRA, J.; MOTTA, L. de C. P. Clube-empresa no Brasil: um fenômeno geográfico. **Boletim Campineiro de Geografia**, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 259–278, 2021. DOI: 10.54446/bcg.v11i2.537. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-campineiro/article/view/2830>. Acesso em: 3 set. 2024.

FRIEDMAN, Milton. **Capitalism and freedom**. 3. ed. Chicago: University Of Chicago Press, 2002.

HAAG, Fernanda Ribeiro. **"O futebol não foi profissional comigo, mas eu fui com ele"**: o futebol como trabalho para as mulheres no Brasil (1983-2023). 2023. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. doi:10.11606/T.8.2023.tde-29012024-140050. Acesso em: 2024-11-17.

HARVEY, David. **O neoliberalismo**: história e implicações. 2. ed. São Paulo: Editora Loyola, 2011.

LOSURDO, Domenico. *Guerra e revolução: o mundo um século após outubro de 1917*. São Paulo: Boitempo, 2017.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1977.

MASCARENHAS, Gilmar. **Entradas e Bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014, 256p.

MATTAR, M. (2012), Gestão de Clubes de Futebol. *In: Gestão do Esporte no Brasil: desafios e perspectivas*. São Paulo: Icone, 2012, p. 119-138.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Ideologias geográficas**. São Paulo: Annablume, 2005, 158 p.

NICOLAU, Jean Eduardo Batista. **Direito Internacional Privado do Esporte: estudos sobre uma disciplina em construção**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Direito. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. São Paulo: Edusp, 2014, 4 ed, 8 reipr.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2005.

SANTOS, Milton. **Economia espacial: críticas e alternativas**. 2.ed., 2.reimpr. São Paulo: Edusp, 2011.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2021.

SANTOS, Milton. **Por uma nova globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Editora Record, 6ª. Edição, 2001.

SANTOS, Milton. **Por uma nova globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Editora Record, 6ª. Edição, 2001;

SANTOS, Milton. O retorno do território. **Observatório de Políticas Urbanas e Gestão Municipal**, v. 1, n. 1, p. 115, 1994.